

Aísa Magáli Zauza
Sônia Vargas Saibro

MARIANA E JOAQUIM

Buscando nossas raízes



O que queremos ao propor uma investigação sobre nossos antepassados? Reverenciá-los? Conhecer melhor nossas origens? Haverá uma motivação mais oculta? Como estas duvidadas são esclarecidas nos afro-descendentes? Se a cor da pele clareou quando e com quem isto começou? Excetuando as dificuldades referentes a fontes precisas, a história dos negros escravizados, é, em quase sua totalidade, tão triste e a caminhada tão penosa que há pouco interesse, seja dos protagonistas seja de estudiosos, em trazer para o campo da pesquisa um passado de exploração, dor, sofrimento e muita crueldade.

Já há algumas décadas iniciou-se um movimento para reescrever o que foi, na realidade, o período de horror da escravidão. Deveria causar espanto saber que toda a economia, e não só ela, do período colonial e imperial até a chegada oficial dos primeiros imigrantes, em 1824, estava baseada na mão de obra escrava. Há necessidade urgente de conhecermos mais profundamente nossa História para que seja lançada a luz do esclarecimento sobre determinadas e significativas etapas quase desconhecidas como a da escravidão. Necessário se faz que os próprios negros assumam também a direção desse navio, não mais negreiro rumo à escravidão como foi no passado, mas rumo ao conhecimento de sua História, como nós autoras deste modesto trabalho que na investigação encontramos nossa tetravó, Efigênia Maria da Conceição, "criolla forra" natural da Bahia.

Aiesa Magáli Zauza
Sônia Vargas Saibro

MARIANA E JOAQUIM
Buscando nossas raízes

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

E-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual
Internacional;**

4,0

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou

envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 25/10/2016

Capa e diagramação: Tiago Luis Wirth

Z39m Zauza, Aiesa Magáli

Mariana e Joaquim [recurso eletrônico] :
buscando nossas raízes / Aiesa Magáli Zauza, Sônia
Vargas Saibro. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2016.

4,31 MB ; PDF.

ISBN 978-85-8326-249-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Histórias de família. 2. Genealogia. I. Saibro,
Sônia Vargas. II. Título.

CDU: 929.52

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

MARIANA E JOAQUIM

Buscando nossas raízes

Dedicamos este trabalho à memória de

Efigênia Maria da Conceição e de sua filha Mariana Teixeira
Caldas.

Nosso reconhecimento às primas Alayde e Marieta por terem mantido vivas histórias da família e a prima Gládis por ter nos aproximado.

Agradecemos a nossos esposos Alfredo Saibro e Getúlio Vargas Zauza pelo incentivo e pelo apoio.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
LENDA, HISTÓRIA E CONJETURAS.....	13
JOAQUIM ANTÔNIO DE CAMPOS.....	17
DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES.....	21
MARIANA TEIXEIRA CALDAS.....	23
DESCENDENTES.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
FILHOS.....	35
NETOS.....	36
BISNETOS/TRINETOS.....	37
ANEXO.....	39
FONTES ARQUIVÍSTICAS.....	45
FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	47

APRESENTAÇÃO

Reverência e curiosidade, possivelmente, foram os principais motivos dessa pesquisa. Consideremos que em países como o Brasil, com significativa variedade de componentes étnicos, a busca pela origem e história dos antepassados é bastante grande basta ver o elevado número de pesquisas e estudos realizados por descendentes de emigrantes em contraste, às investigações relativas a escravizados e afro descendentes, de um modo geral, são quase inexistentes.

Em determinada época de nossas vidas, é bastante comum nos voltarmos para o passado, seja por uma espécie de saudosismo comum com o avançar da idade, seja por termos, às vezes, mais tempo disponível ou, ainda, por mudarmos o foco de nossos interesses ou por todos estes motivos. Também certas lembranças chegam até nós e começamos a desenvolver uma curiosidade crescente com relação a pessoas e fatos familiares que, na maioria das vezes, estavam como que escondidos no baú da nossa memória.

Como se justificaria esse retorno, principalmente a um passado, na maioria das vezes, tão remoto?

Para algumas pessoas, uma complementação de identidade, para outros, uma maneira de se apossar de realidades e, assim, integrar uma

história. Outro aspecto, e este bastante pertinente às autoras deste trabalho, é o de tentar “costurar” e assim dar sentido a uma série de informações, palavras soltas, histórias quase lendas, documentos esparsos que, desde nossa infância, perambulam em nossa memória. Quem foi Joaquim? Quem foi Mariana? Como surgiu a intensa devoção a Nossa Senhora dos Navegantes. A busca destas e outras respostas justifica nosso trabalho.

A pesquisa se refere à investigação da ascendência e descendência de Mariana Teixeira Caldas e Joaquim Antônio Campos. Tentamos seguir os princípios básicos da investigação genealógica, sendo que os limites foram estabelecidos, no que se refere à ascendência, aos dados pesquisados no Brasil. Por motivos alheios a nossa vontade, não foi possível estender a pesquisa à Bahia e Portugal. Contudo, já estamos organizando novo projeto a fim de realizarmos pesquisa complementar nesses locais.

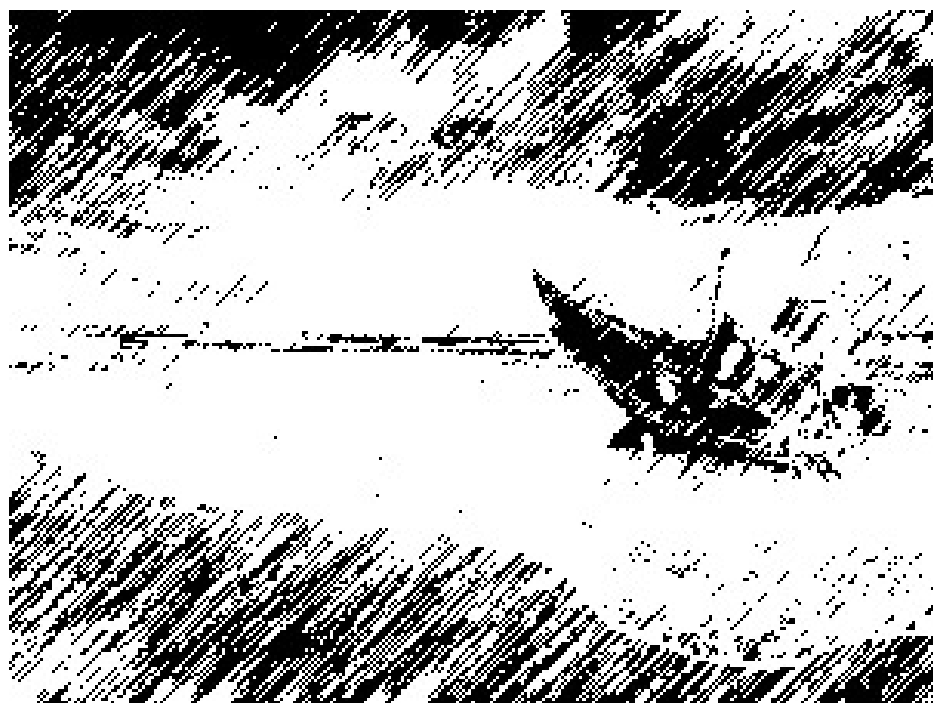
Com relação aos descendentes, o limite foi à geração das pesquisadoras, terceira e quarta. As questões levantadas disseram respeito aos locais de nascimento e morte de Mariana e seus pais; filiação de Joaquim, sua chegada ao Brasil, já que sua nacionalidade era conhecida e as atividades por ele desenvolvidas em Porto Alegre e se viveu em outro Estado.

Os protagonistas da investigação viveram em Porto Alegre na primeira metade do século XIX e início do século XX. Os pais de Mariana, mais especificamente o pai, eram naturais da Bahia. A investigação contará com informações transmitidas oralmente, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental realizada em arquivos, cartórios, instituições direcionadas a pesquisa genealógica, institutos e em meios eletrônicos como Internet.

Queremos registrar aqui nossos agradecimentos a todas as pessoas

que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho, que embora modesto, teve muitas e importantes colaborações.

Agradecemos aos pesquisadores e funcionários do Arquivo Nacional (RJ), da Biblioteca Nacional (RJ), do Arquivo Histórico do Exército (RJ), da Marinha do Brasil (RJ). No Rio Grande do Sul, nossos agradecimentos a Vanessa Gomes de Campos, arquivista e historiógrafa do Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, a Maria Tereza Zatti, arquivista do Arquivo Histórico Moises Vilinha de Porto Alegre, à Professora Vera Barroso Historiadora do Centro Histórico e Cultural da Santa Casa de Porto Alegre e sua equipe, em especial a Jessyca Moser. Ainda aos funcionários do Arquivo Público do RS e do Arquivo Histórico do RS. Queremos ainda registrar um agradecimento especial ao Professor Tiago Luís Wirth pela sua atenção e competência no trabalho de editoração gráfica. A todos reiteramos nossos agradecimentos pela constante disponibilidade na execução deste trabalho.



LENDA, HISTÓRIA E CONJETURAS

Possivelmente, as primeiras idéias sobre uma investigação de meu passado familiar tenham surgido ainda na minha infância. Nessa época minha convivência maior era com parentes de meu lado materno já que meu pai falecera quando eu estava com um ano e minha mãe continuara a viver com tios que, bem dizer, a haviam criado; esta era minha família até quatorze anos quando minha mãe se casou pela segunda vez. Nesse ambiente de adultos muitas vezes ouvia conversas referentes ao passado de tios-avós, avós, bisavós e primos distantes. Como não havia outras crianças na casa a minha curiosidade se voltava para aquele mundo trazido pela conversa dos mais velhos. Essa curiosidade certamente influenciou meu interesse por História e contribuiu para que mais tarde ingressasse no curso de História da Universidade Federal do RS e me tornasse professora.

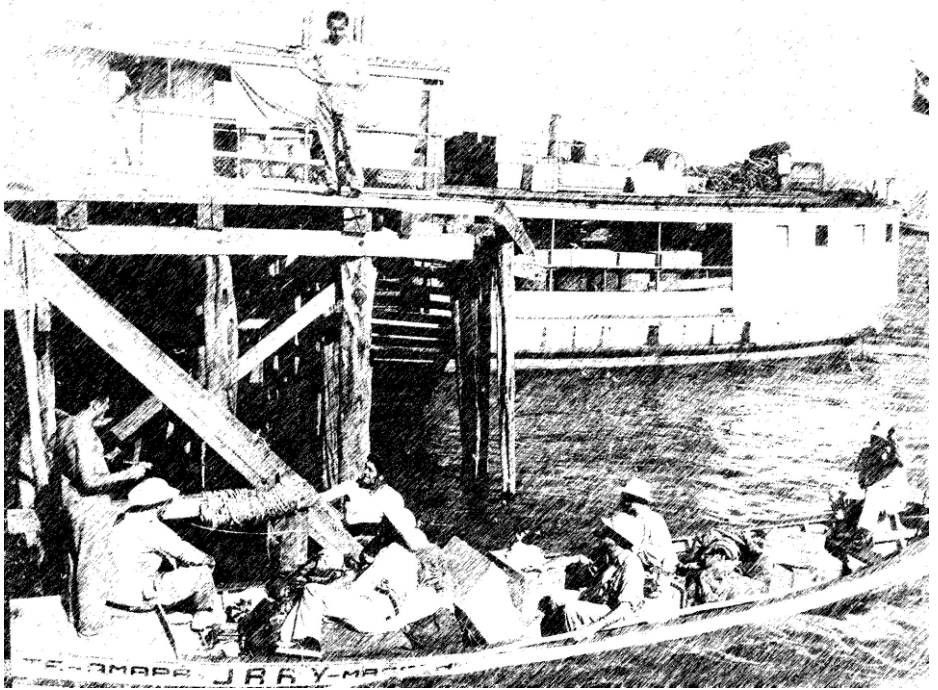
Entre os parentes com quem convivi havia três pessoas que foram da máxima importância, tanto no aspecto afetivo quanto na aproximação a pontos mais remotos da minha ascendência. Eram duas primas-irmãs de meu avô Alayde e Marieta e sua mãe Efigênia. Marieta, Mieta para os íntimos e os nem tão, era o que se poderia dizer o arquivo vivo da família; memória privilegiada, tinha também um modo especial de narrar os fatos.

Foi Mieta, quando eu já era adulta, que me contou algo misto de lenda e história ou de história que, pelo tempo e a distância, se tornou lenda.

Contou-me Mieta que uma embarcação teria naufragado em alto mar e um dos navegadores teria sobrevivido, agarrando-se a uma tábua dos destroços. No desespero, implorava a Nossa Senhora dos Navegantes, que o salvasse e que se isso acontecesse, ao chegar em terra firme, se casaria com a moça mais pobre que encontrasse. O homem, que passarei a chamar de náufrago, se salva e casa-se com a "moça pobre", que segundo a "lenda", era chinesa. Anos mais tarde, um filho dessa união veio para o Brasil e se chamava Joaquim Antônio de Campos, possivelmente o primeiro contador dessa lenda ou dessa história, já que era parte integrante dela.

Essa narrativa de Mieta fez com que eu fosse estabelecendo algumas ligações. Uma delas era a intensa devoção da família a Nossa Senhora dos Navegantes e a participação no cortejo fluvial que se realizava no dia a ela consagrado. Havia em casa grande movimentação, desde a confecção de roupas até a preparação da famosa galinha com farofa, que no nosso caso, não era levada para a festa com fazia a maioria dos fiéis, mas servida no almoço ao retornar-se da procissão. Por muitas vezes eu, minha mãe e tias fazíamos o percurso em navio, o que me apavorava um pouco, já que era uma quantidade grande de embarcações Guaíba a fora. Com o passar do tempo fui percebendo que esse sentimento religioso estava ligado a uma forte tradição familiar que envolvia tanto as mulheres quanto os homens. Embora em número bem menos significativo a devoção à padroeira dos navegantes permanece até hoje.

Muitas das conjecturas que eu e Sônia fizemos nos encaminhamos para essa pesquisa: algumas se confirmaram outras mostraram que estávamos enganadas. De toda maneira, lenda, história e conjecturas foram importantes para a concretização deste projeto.



JOAQUIM ANTÔNIO DE CAMPOS

A promessa feita pelo náufrago citado anteriormente pode nos levar a especular sobre sua situação financeira: casar-se com uma mulher pobre soa como um sacrifício que seria feito em troca da salvação de sua vida. Poderia ser ele o proprietário da embarcação naufragada. A mulher pobre com quem teria casado, segundo a "lenda", seria uma chinesa.

Como foi colocado, o filho do náufrago e de sua esposa chinesa veio para o Brasil em data não precisada; era Joaquim Antônio de Campos, nascido em Portugal em 1826. Nas fontes pesquisadas não foram encontradas informações sobre quando e como teria chegado ao Brasil e, mais especificamente, a Porto Alegre. Sabe-se que esteve por muito tempo ligado à navegação, o que nos remete ao "náufrago", seu pai, e a levantar a hipótese dele já ter chegado ao Brasil ligado à atividade náutica. Joaquim foi sócio da Agência de Navegação Macedo e Azevedo que fazia transporte de carga e passageiros entre Porto Alegre e Rio de Janeiro, então Capital do Império.

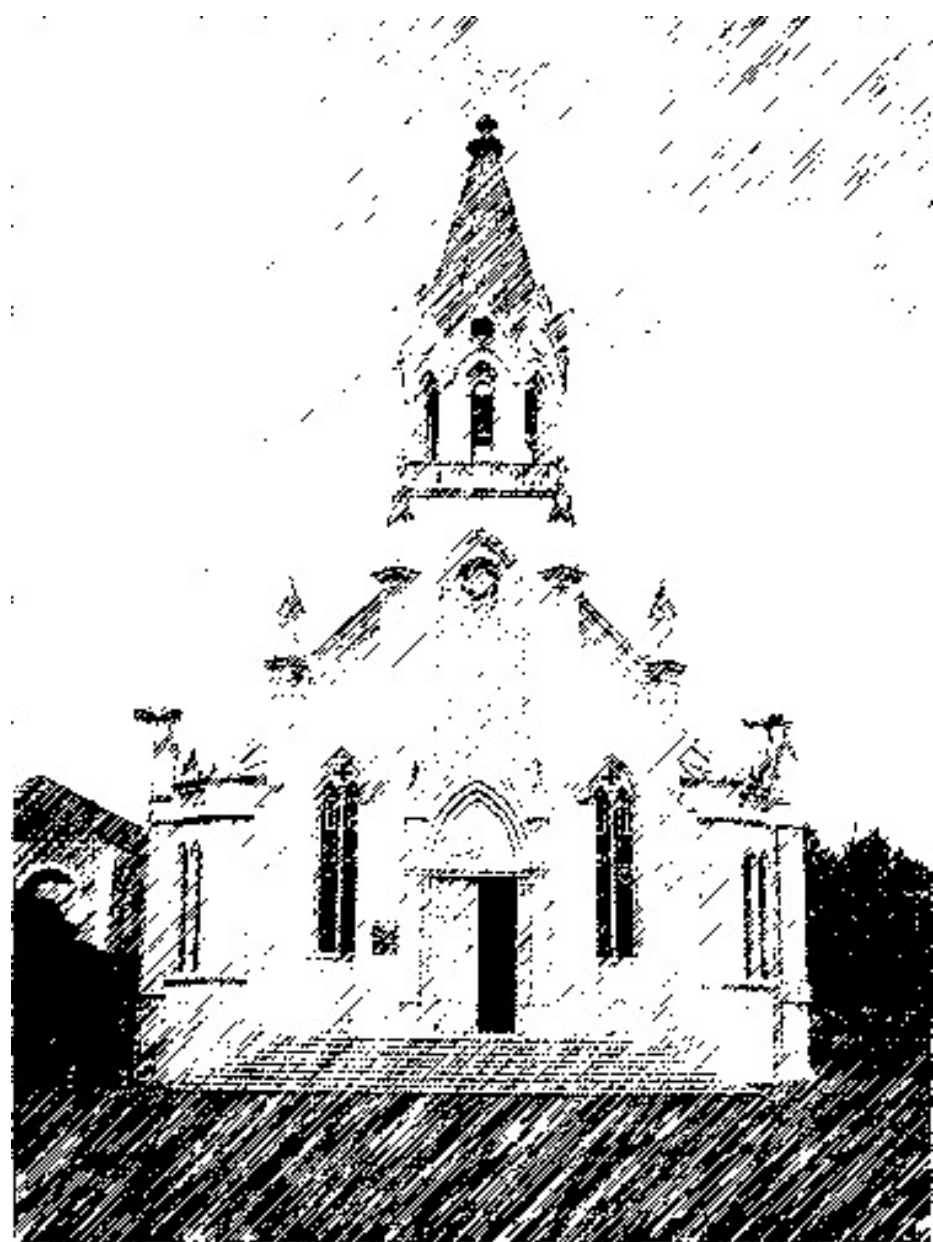
Em julho de 1873 foi solicitada à Câmara Municipal de Porto Alegre permissão para a construção de um "trapiche na doca do Mercado". Esse pedido foi concedido em 14 de julho do mesmo ano e revogado em 17 de fevereiro de 1874 sob a alegação de que as viagens realizadas pelos navios

Presidente e Santa Maria entre a capital da província, Porto Alegre, e o Rio de Janeiro, haviam deixado de ocorrer.

A situação econômica de Joaquim, até então, parece ter sido bastante favorável haja vista as condições educacionais de seus filhos, destacando-se Teófilo, que teria iniciado estudos de Medicina e Crispiniana que se formou professora, tendo exercido o magistério por longo tempo. Teófilo casou-se com Olímpia Augusta, filha de Aurélio Veríssimo Bittencourt, pessoa de destaque na vida política e cultural da Província.

Pelas fontes pesquisadas, a solicitação para a construção de um trapiche indica, provavelmente uma tentativa de sanar as dificuldades enfrentadas pela Agência de Navegação da qual Joaquim era sócio e a qual também assinara, dificuldades que resultaram na falência da empresa em 1879-80. A filha mais nova de Joaquim e Mariana, Mariana Eulina (Tia Bibica), costumava contar que o pai havia "feito fortuna" e que costumava levar as filhas a passear "de coche", mas que posteriormente havia empobrecido.

Após a falência da Agencia de Navegação não se encontra informações sobre Joaquim, a não ser a última que é a do seu falecimento em Porto Alegre, em 27 de dezembro de 1892, aos 66 anos, devido a uma pneumonia. Foi sepultado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia.



DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

Navegantes, descobridores, colonizadores e dois séculos depois do descobrimento, ilhéus presentes no Brasil, nos fazem compreender a devoção intensa aos protetores nos mares: Nossa Senhora dos Navegantes, Nosso Senhor dos Navegantes, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Candelária. Em Porto Alegre, capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul a época, não havia, porém, devoção a nenhuma dessas entidades religiosas, embora haja registros de que em 1785 em São José do Norte, "nesta Província, foi erguida uma Capela para louvor de Nossa Senhora dos Navegantes" sendo que a primeira festa ocorreu em 1811.

As festas em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes já eram um acontecimento religioso tradicional em Salvador. Com a vinda de padres baianos para a então província de São Pedro, os festejos foram divulgados, com riqueza de detalhes, especialmente pelo Pe. Francisco Bernardino de Souza que escreveu dois artigos na revista Estrela do Sul. As descrições feitas por Pe. Francisco possivelmente teriam animado quatro cidadãos lusitanos que viviam em Porto Alegre e eram proprietários de embarcações a fundarem uma devoção para proteção dos que se dedicavam às lides náuticas.

Conforme nos informa Licht, "Júlio Marques César, Joaquim Antônio de Campos, Bernardino Dias Pereira e João José Farias", sabedores de que não havia na cidade imagem de Nossa Senhora dos Navegantes encomendam uma ao escultor João de Affonseca Lapa que vivia na Vila Nova de Gaia em Portugal. Nesta mesma época, foram encomendados em estaleiros de Setúbal, as embarcações Rio Grande, Prontidão e Porto Alegre ,esta última por João Jose Farias, uma das pessoas que haviam encomendado a imagem. Essas embarcações se destinavam ao transporte e comércio na costa do Brasil. Ao virem para o Brasil, a embarcação Porto Alegre conduziu a imagem, chegando a cidade em janeiro de 1871, sendo recebida com grande júbilo pelos devotos ,principalmente lusitanos. A imagem foi levada para a Capela da Conceição, ficando no altar de Nosso Senhor do Bonfim. Em 29 de janeiro do mesmo ano, a imagem foi transferida para a Capela do Menino Deus onde aconteciam grandes festejos religiosos.

Conforme Joaquim de Souza Vitello, citado por Licht, foi fundada a Devoção da Santa Virgem Protetora dos Navegantes pelos senhores Joaquim Antônio de Campos Joaquim Assunção, Leopoldo Gomes Saraiva, Francisco Lemos Pinto, João José de Farias, Joaquim de Souza Vitello e outros, na maioria lusitanos ou luso-brasileiros.

Em 1875 a Sra. Margarida Teixeira fez a doação de um terreno na zona norte de Porto Alegre para a construção da Capela de Nossa Senhora dos Navegantes. Ficando pronta tratou-se da transferência da imagem da Capela do Menino Deus para a nova Capela já no ano de 1876. Contudo, os moradores do chamado Arraial do Menino Deus não concordaram com a transferência, principalmente porque as festas ali realizadas traziam lucros para o local. Para resolver a questão foi necessária a interferência do Bispo Dom Sebastião. Através de um documento foi provado que a referida imagem teria vindo de Portugal às expensas de quatro famílias

lusitanas. Considerando a importância do fato aqueles devotos foram ouvidos. Assim, Julio César Marques e Bernardino Dias Pereira fizeram a doação à Diocese e Joaquim Antônio de Campos e João José Farias cederam ao Bispo seus direitos. Assim, foram iniciadas as atividades religiosas da nova Capela.

Na madrugada de 21 de dezembro de 1910, um incêndio confirmado como criminoso, destruiu completamente a Igreja dos Navegantes, incluindo a imagem de Nossa Senhora e o arquivo. Já em 23 de dezembro "a Mesa Administrativa da Devoção reuniu-se para decidir sobre a reconstrução" da Igreja. Por essa ocasião foi também tratada a encomenda de nova imagem ao mesmo escultor que esculpira a imagem antiga.

Apesar das inúmeras dificuldades financeiras, a nova Igreja foi inaugurada em 02 de fevereiro de 1912. Após vários adiamentos da entrega da nova imagem, visto que o escultor José Affonseca da Lapa estar bastante doente, chega a mesma em janeiro de 1913.

O roteiro estabelecido desde a inauguração da Capela e transferência do Arraial do Menino Deus para a procissão e festividades perdurou por muitos anos. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes ia na tarde de 1º de fevereiro até a Igreja do Rosário; no dia 2 a imagem deixava a Igreja do Rosário e, em procissão, era levada até o Trapiche Municipal de onde seguia em cortejo fluvial acompanhada de grande número de embarcações de volta à Igreja dos Navegantes. Esse roteiro só seria alterado em 1989 quando, por razões de segurança, a procissão deixou de ser fluvial, passando a se realizar por via terrestre.

Apesar da intensa movimentação dos fieis para a retomada do cortejo fluvial a procissão continuou por via terrestre da Igreja do Rosário à Igreja dos Navegantes até os dias atuais. Nossa Senhora dos Navegantes é Padroeira de Porto Alegre e o dia a ela dedicado, 2 de fevereiro, é feriado religioso municipal.



MARIANA TEIXEIRA CALDAS

Ao decidirmos realizar uma pesquisa sobre nossos antepassados, o personagem conhecido mais distante no tempo era Joaquim Antônio de Campos (excetuando os lendários "náufrago" e "chinesa"). O nome de sua mulher, nossa bisavó e trisavó, nos era desconhecido. Seu nome só irá aparecer quando Sônia pesquisava nos registros do Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre sobre o batismo de um dos netos de Joaquim, Flávio, filho de Teófilo. No registro aparecem como avós paternos Joaquim Antônio de Campos e Mariana Teixeira Caldas. Essa mesma referência irá aparecer em registros de batismo de outros netos do Casal.

A origem e nascimento de Mariana, contudo, permanecerá um mistério durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Segundo tradição oral familiar, contada por Sílvia, filha de Teófilo e Olímpia Augusta, que teria ouvido dizer que Mariana seria uma "negra baiana muito bonita" que teria vindo para Porto Alegre.

A mãe de Mariana se chamava Efigênia Maria da Conceição e era forra; em registros de batismo aparecem duas outras filhas de Efigênia: Firmina, nascida em 23 de outubro de 1829 e Isabel, nascida em 1º de setembro de 1843. O pai de Mariana se chamava Manoel Teixeira Caldas

e teria chegado a Porto Alegre por volta de 1836 como soldado, possivelmente com integrante das forças do Exército Imperial durante a Revolução Farroupilha. Era baiano nascido em Salvador e batizado na Sé. Nos registros de batismos dos netos de Mariana e Joaquim às vezes aparece "avós maternos naturais da Bahia", outras vezes "naturais desta Província".

Em união com Francisco Ribeiro da Cruz Mariana teve três filhos: Manoel, falecido logo após o nascimento, em 29 de agosto de 1853; Silvéria Ribeiro da Cruz nascida provavelmente em 1854 e falecida em 7 de janeiro de 1916, aos 64 anos e Efigênia Ribeiro, nascida em 1856 e falecida em 8 de janeiro de 1952 aos 96 anos de idade.

Da união de Mariana com Joaquim Antônio de Campos nasceram:

-Joaquina Antônia, nascida em 6 de janeiro de 1857.

-Gabriela, nascida provavelmente em 1859.

-Mariana (ou Mariana Antônia), nascida em 7 de março de 1862 e falecida ainda pequena.

-Teófilo, nascido em 5 de março de 1863.

-Crispiniana Antônia, nascida em 25 de março de 1867.

-Mariana Eulina, nascida em 1872.

Todos os registros de batismos dos filhos de Mariana e Joaquim foram feitos na Igreja Nossa Senhora do Rosário em Porto Alegre e todos levaram o sobrenome do pai. A história de Mariana é bastante imprecisa e seu nome nos foi revelado como mãe e avó pelos registros de batismos de filhos e netos. Foi por esses registros que podemos comprovar sua existência. Em outra fonte Mariana aparece como "mãe da noiva", no registro de casamento de Joaquina, sua primeira filha com Joaquim.

Na tradição oral familiar as citações sobre Mariana eram raras. Outra investigação que se revelou infrutífera foi quanto ao local e data de sua morte. Não foram encontrados registros de morte e sepultamento tanto

em cartórios quanto em cemitérios ou entidades responsáveis. Pelos dados coletados, haveria pouca probabilidade de Mariana ter falecido e sepultada fora do Estado do Rio Grande do Sul. Restou a indagação de como e com quem Mariana teria vivido seus últimos anos.

Mariana continuou sendo para nós, quase um mistério, pouco se sabendo sobre sua vida. Pelo trabalho realizado, contudo, conclui-se que foi uma mulher que construiu uma família com bases sólidas, apesar das dificuldades que, sabemos, deve ter enfrentado. Chama atenção o fato que, já como sua mãe fizera, os filhos de Mariana traziam o sobrenome do pai, apesar de serem filhos naturais. Esse fato era bastante raro na época, especialmente em se tratando de filhos de forros, libertos ou livres, como no caso de Mariana, mas, de todo modo, descendentes de escravizados. O pouco que conseguimos saber sobre Mariana nos faz concluir ter sido ela uma mulher de fibra que soube construir e guiar sua família dentro de princípios de retidão, gosto pelo estudo, pela música, pela alegria.

Deixamos neste modesto trabalho, nossa homenagem a esta mulher que foi a origem da nossa existência.



DESCENDENTES

A descendência direta de Mariana e Joaquim iniciada no século XIX atinge meados do século XX. A maioria dos descendentes viveu em Porto Alegre; alguns foram para cidades do interior do Rio Grande do Sul e, também, para outros Estados. Apresentaram algumas características marcantes: eram inteligentes, instruídos, dotados de dotes artísticos, muitas vezes pouco explorados, gosto pela culinária. Possuíam, um grande número, olhos amendoados, o que chamava nossa atenção, muito antes de sabermos que tínhamos uma lendária (provavelmente nem tanto) ancestral chinesa. Em realidade a pessoa que transmitiu a história do naufrago só pode ter sido o próprio Joaquim e certamente havia conhecido e convivido com sua mãe. Outros dados seriam os olhos também escuros, malares salientes, cabelos crespos ou encaracolados e a cor da pele variando do mulato ao amorenado. Tinham habilidade verbal que se tornou uma característica do grupo e entre as mulheres, várias se tornaram professoras, seguindo os passos de Crispiniana Antônia, uma das filhas de Mariana, apelidada Tia Pepina.

Outro fato interessante é o de que quase todos os descendentes que viviam na capital moravam na Cidade Baixa, em ruas com Olaria, atual Lima e Silva; Beco do 8º, atual André da Rocha e que só se tornou "mal

falada" nas primeiras décadas do século XX. Também residiram na Travessa Harmonia, hoje Alberto Torres; Rua da Margem, atual João Alfredo; Venezianos, hoje Rua Joaquim Nabuco, entre outras. No bairro Tristeza tiveram uma chácara e, mais tarde, residência. Possuíram, ainda, terrenos na Chácara das Pedras. As filhas da primeira união de Mariana, Silvéria e Efigênia viveram sempre com a sua segunda família, e bem mais tarde, foram morar com a família de Teófilo, irmão por parte de mãe, que residia no número 18 da Rua da Olaria esquina com o Beco do 8°.

Somos descendentes, Sônia Vargas Saibro e Aiesa Magáli Zauza da terceira e quarta geração respectivamente. Sônia neta de Teofilo de Campos e Aiesa, bisneta de Gabriela de Campos Marques, segunda filha de Mariana e Joaquim.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação da segunda pesquisadora neste projeto deveu-se à sugestão feita por nossa prima Gládis, que em conversa com Aiesa falou que a prima Sônia também se interessava pelo assunto. Sônia e Magali, como Aiesa é tratada em família, fizeram contato e o entusiasmo de Magáli contagiou Sônia ainda mais. Conversaram sobre o tema demoradamente; a pesquisa já havia sido iniciada, mas, a partir de então, passou a contar com o apoio irrestrito e a contribuição nada singela de Sônia.

Reuniram-se várias vezes, cabendo esclarecer que Magáli mora em Passo Fundo e Sônia em Porto Alegre, sendo que muitos contatos foram por telefone ou internet. As reuniões foram muito prazerosas quando discutíamos dados pesquisados nem sempre com facilidade, pois além do tempo necessário muitas vezes surgiam lacunas de difícil resolução, quando não, impossível. Valeu apenas pois, além do assunto tratado, houve aproximação das "primas do interior e da capital" com costumam dizer. Até aqui estas considerações foram escritas a duas mãos, com dá para perceber.

Após o descrito acima, eu Sônia, me descubro perguntando que legado herdei das minhas bisavós além da cor dos olhos e forma de

inserção do lóbulo da orelha. Mas... em se tratando de tendências, sentimentos, atitudes e idiossincrasias, que herança me tocou? Que legado foi esse? Sendo curiosa, mas ao mesmo tempo honesta e realista gostaria de saber (sei que é impossível) de uma forma concreta e visível, o que tocou para mim. Minha mãe, descendente de segunda geração, era inteligente, determinada, justa, empreendedora. Eu diria até que, para sua época, foi uma vanguardista e desbravadora. Foi uma artista: cantava, tocava alguns instrumentos, fazia poesia e escrevia com facilidade; foi professora ética, enérgica e exigente.

Reconheço em mim algumas de suas qualidades, mas... o que mais herdei? No momento em que faço estas considerações, sinto-me meio piegas; saudosa do que não conheci; dos traços que me deixaram; de como sou e porque sou assim!!! Um sábio disse: "Ontem é passado, o amanhã é uma incógnita e hoje – o presente – é uma dádiva!" Refletindo sobre estas palavras e até me questionando, posso dizer – agora – que fui e fiquei feliz ao procurar desvendar o passado, pois, de alguma maneira, isto me permitiu entender melhor o presente e projetar para o futuro mais conhecimento e, talvez, sabedoria. Em última análise eu poderia dizer que o mais positivo foi, ao desvendar parte do passado, poder conhecer e reverenciar os que me antecederam e deixar um memorial simples aos que ainda estão comigo.

Sônia aos 80 anos

FILHOS



Efigênia



Joaquina Antônia



Crispiniana Antônia



Teófilo

NETOS



Newton, Cleo, Joni, Romeu Vargas, Renato



Adyles, Silvia, Julieta, Olimpia Beatriz



Marieta, Alayde

BISNETOS / TRINETOS



Júlio e Glacira



Renato (Neto), Vilma, Vera, Sônia



Rodnei, Sidnei, Telmo



Alfredo, Sônia, Erci, Romeu



Mathilde



Jairo, Juraci, Verginia



Ivone

BISNETOS / TRINETOS



Gladis

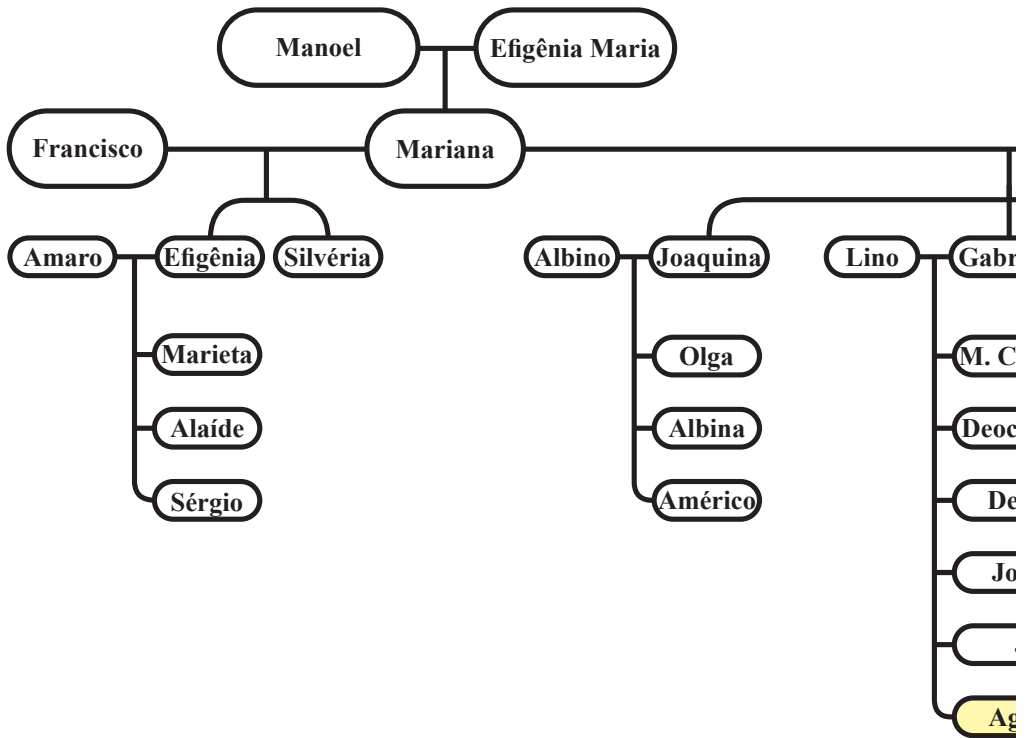


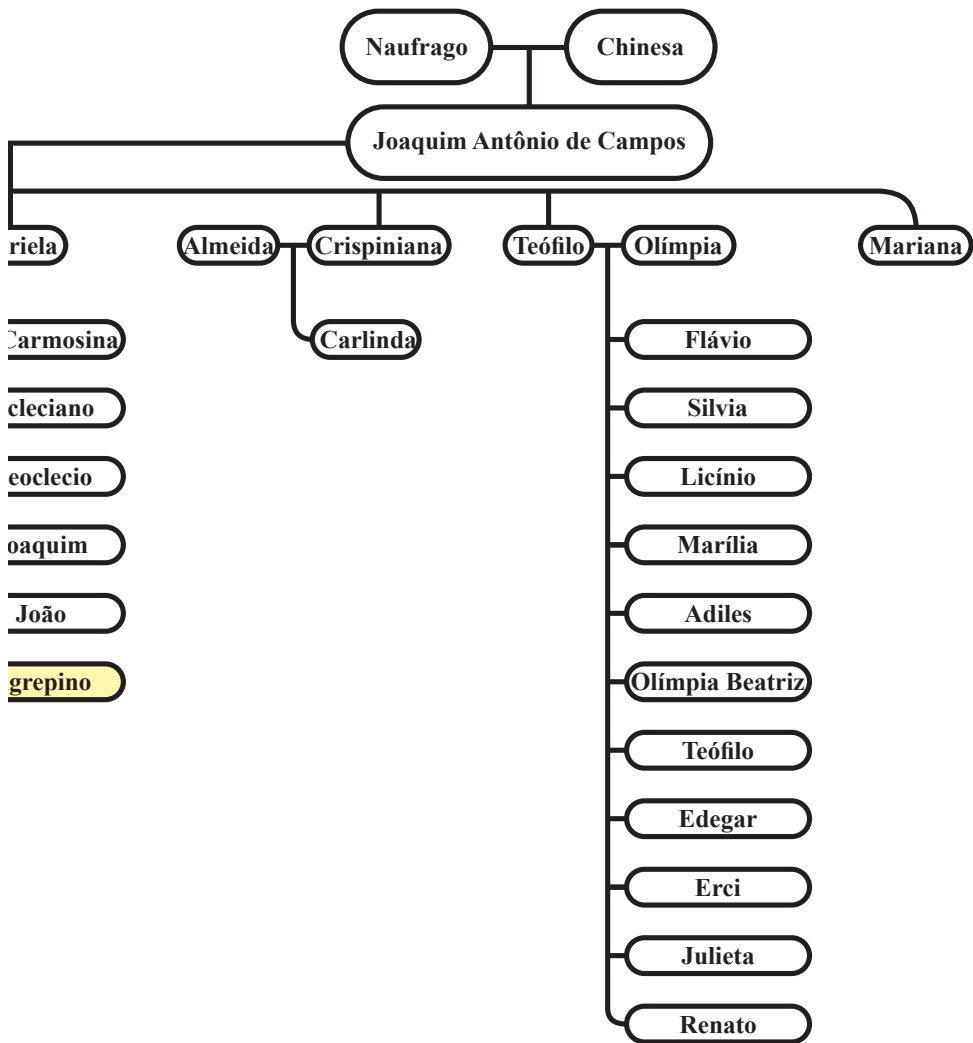
Sônia

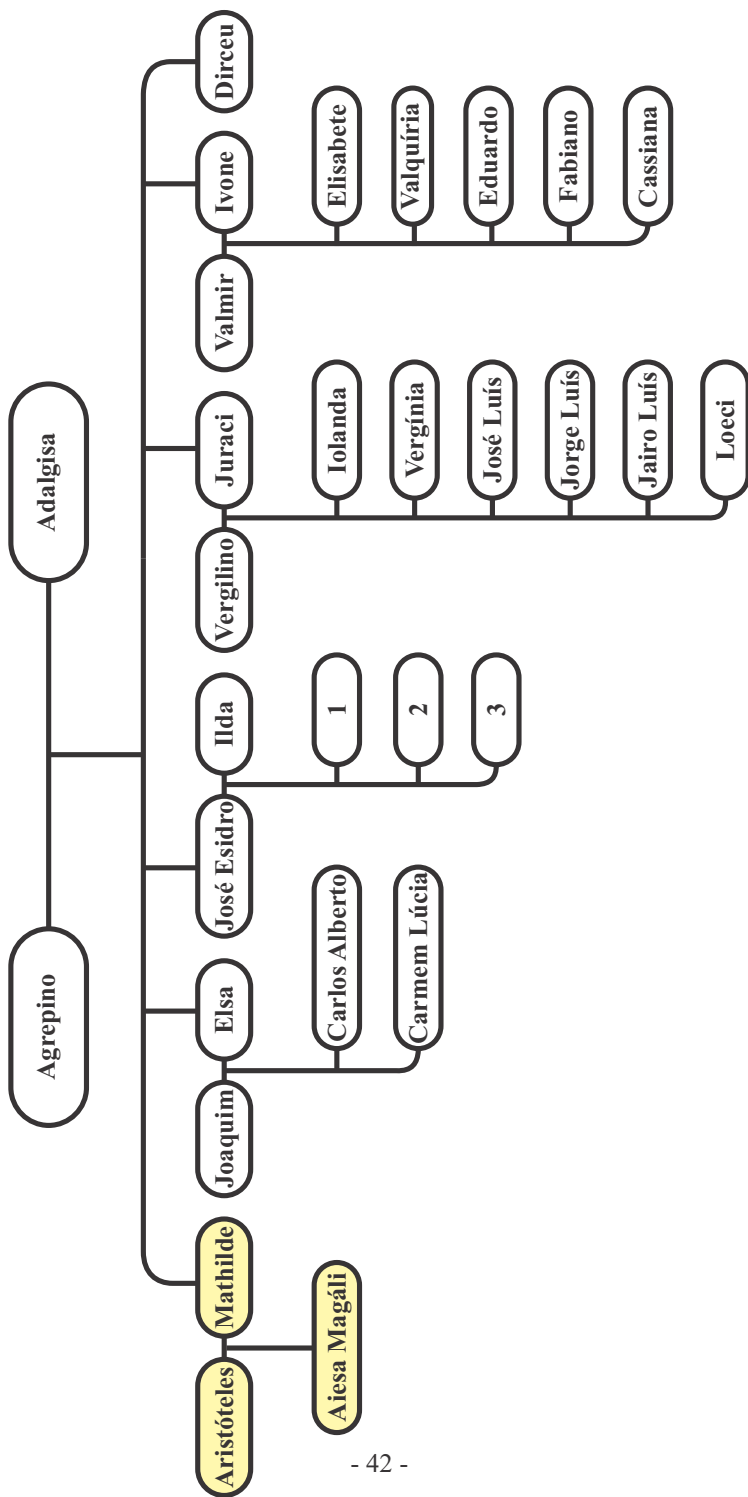


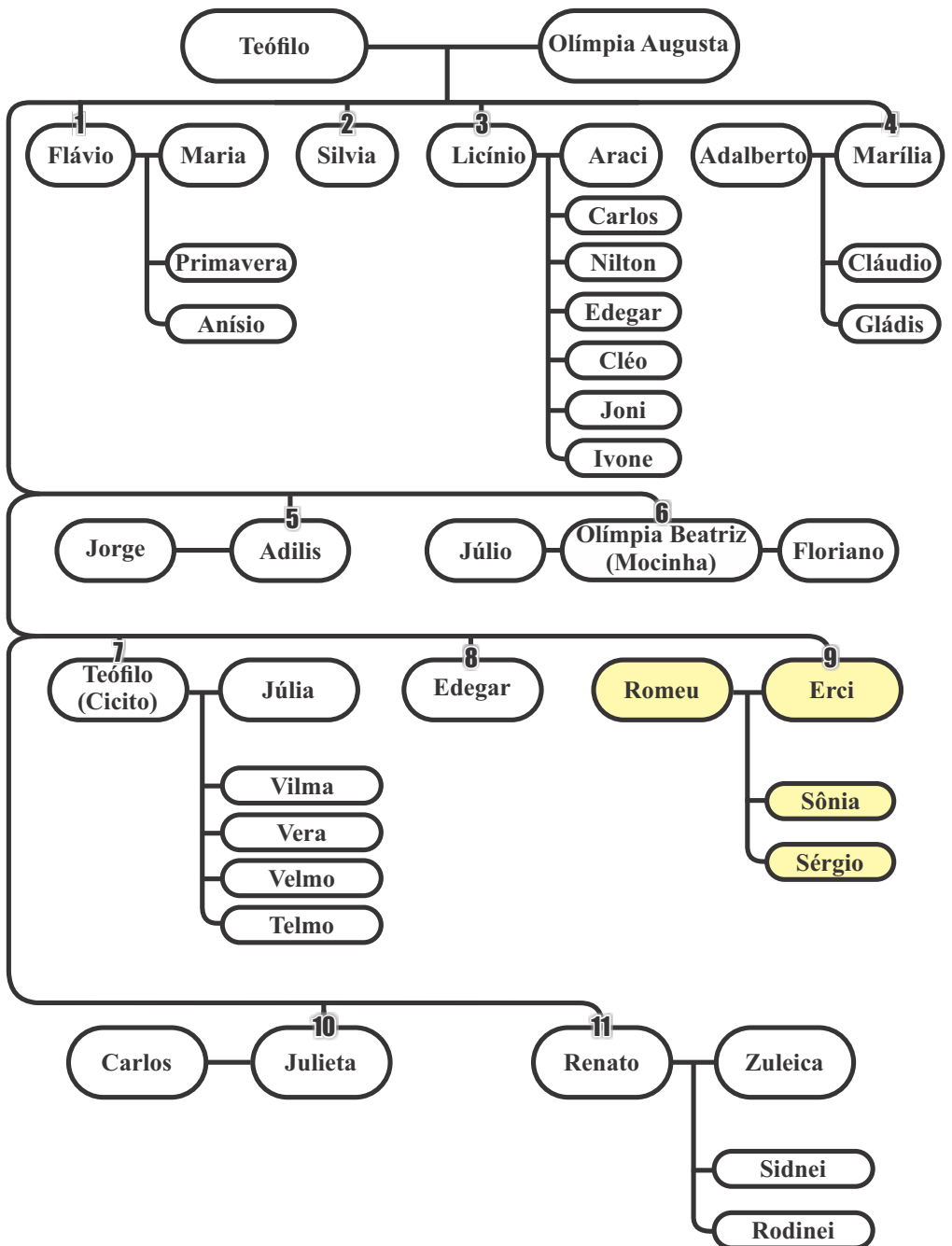
Aiesa

ANEXOS









FONTES ARQUIVÍSTICAS

- Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre
- Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul
- Arquivo Histórico do Exército (RJ)
- Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho (Porto Alegre)
- Arquivo Nacional (RJ)
- Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul
- Arquivo Público do Estado de São Paulo
- Arquivo Público Municipal de Porto Alegre
- Biblioteca da Marinha do Brasil (RJ)
- Biblioteca Nacional (RJ)
- Capitania dos Portos - Rio Grande (RS)
- Cartórios das: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª zonas de Porto Alegre
- Casa Açoires Gravataí (RS)
- Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

- Cemitério da Tristeza Porto Alegre
- Cemitério São João Porto Alegre
- Centro Histórico Cultural da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre
- Colégio Brasileiro de Genealogia
- Cúria Metropolitana de Campinas
- Delegacia da Capitania dos Portos `Porto Alegre
- Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha do Brasil
- familysearch.org
- Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre
- Hospital Psiquiátrico São Pedro (RS)
- Igreja Nossa Senhora dos Navegantes Porto Alegre
- Instituto Cultural Português (Museu dos Açores) Porto Alegre
- Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
- Irmandade de São Miguel e Almas Porto Alegre
- Mosteiro de São Bento (Acervo) Salvador (BA)
- Museu de Medicina (H.BP- Porto Alegre)
- Palácio da Justiça (RS)

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- 1-Alves, Luís Antônio. Memorial Açoriano. Caxias do Sul. Editora do Autor, 2008.
- 2-Barea, D. José. A História da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Porto Alegre. EST Edições, 2004.
- 3-Bento, Cláudio Moreira, O negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975). Porto Alegre. Grafosul /IEL /DAC/Sec,1976.
- 4-Bitencourt, Mariliza K Postal. Resistência da mulher escrava. Porto Alegre. EST Edições,2004.
- 5-Fortes, João Borges. Os Casais Açorianos; Presença Lusa na Formação Riograndense. 3 ed. Porto Alegre, Martins Livreiro –Editor,1999.
- 6-Franco, Sérgio da Costa. Porto Alegre-Guia Histórico. 4 eds. Porto Alegre, Editora da UFRGS,2006
- 7-Laitano, Dante. Festa de Nossa Senhora dos Navegantes; Estudo de uma tradição das populações Afro-Brasileiras de Porto Alegre.Edição da comissão Estadual de Folclore do RS. V 6 .195
- 8- Leon, Zenia. Memórias da Escravidão. Canoas, Ed. La Salle,1991.

9-Licht, Henrique, Nossa Senhora dos Navegantes; Porto Alegre 1871-2006. Santa Maria, Pallotti, 2007.

10-Moreira, Paulo Roberto e Tassoni, Tatiane. Que com seu trabalho nos sustenta, As Cartas de Alforria de Porto Alegre (1748-1888). Porto Alegre, EST Edições,2007.

11-Porto Alegre, Achilles. História Popular de Porto Alegre. Porto Alegre, Unidade Editorial,1994.

12-Silva, Juremir Machado. História Regional da Infâmia - O destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). 3 ed. Porto Alegre, L & P M,2011.

13-Revista IHGRS-1947. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, 2 ed. Porto Alegre, AHPAMV,2009.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Nascida em Porto Alegre, Sonia Vargas Saibro fez seus primeiros estudos em Palmeira das Missões e Cruz Alta. Em Porto Alegre fez o curso secundário no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Formou-se em História Natural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul onde realizou também o Curso de Pedagogia com foco em Supervisão Escolar. É Pós Graduada em Supervisão Escolar pela mesma Universidade. Lecionou em Santana do Livramento, Canoas e em Porto Alegre nas Escolas Estaduais Winston Churchill e Bacúides da Cunha e no Colégio João XXIII. Sonia já em criança tinha especial gosto por ler e escrever ao que era muito incentivada por sua mãe. A produção literária sempre esteve presente em sua vida com aspiração. Conta entre seus projetos já em andamento, um romance no qual poder-se-á apreciar seus dotes literários e sua extrema sensibilidade.



Aísea Magáli Zanza nasceu em Porto Alegre. Curou o primário na Escola Paroquial São Francisco de Assis e o Ginásio no Colégio Ruy Barbosa. Fez o segundo grau no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Formou-se em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Exerceu o magistério nas cidades de Tapas, Gusiba e Porto Alegre. Em 1974 transferiu-se para a cidade de Passo Fundo onde prosseguiu sua carreira de professora. Formou-se em Pedagogia com foco em Supervisão Escolar e mais tarde em Psicologia ambas na Universidade de Passo Fundo. Trabalhou com Psicologia Escolar e atua com Psicóloga Clínica por mais de trinta anos. Seu gosto pela pesquisa histórica e pelas motivações humanas muito influenciaram na decisão de realizar o presente trabalho.

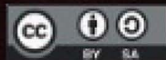
Entender o passado traz respostas para a nossa existência. Nos significados de duas palavras, legado e curiosidade está a motivação que nos direccionou para o presente trabalho. Os ascendentes legam valores para a continuidade de sua descendência; a curiosidade faz com que possamos deixar algo para os que vierem depois de nós.

Examinando a própria história, nos damos conta dos caminhos já percorridos por aqueles que nos precederam, e, possivelmente, essa trajetória poderá despertar novas investigações bem como ser motivo de entretenimento para nossos leitores.

Sônia Vargas Saibro



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Projeto
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



ISBN 978-858326249-7

262497

1678-8683

3